

As línguas do outro: reflexões sobre um caso de bilingüismo¹

Abstract: In this article, I examine the conflicts of a bilingual person (portuguese/german), using as theoretical background the essay "Monolingüism of the Other or The Prosthesis of Origin" by Jacques Derrida (1996).

Keywords: bilinguism, deconstruction.

Resumo: Neste artigo, investigo os conflitos vividos por uma pessoa bilíngüe (português/alemão), tomando como base teórica pensamentos de Jacques Derrida, formulados no ensaio "O Monolingüismo do Outro ou a Prótese de Origem" (1996).

Palavras-chaves: bilingüismo, desconstrução.

1. Introdução

O bilingüismo nem sempre é vivido com tranqüilidade. Muitas vezes, a aparente vantagem de falar duas línguas com grande desenvoltura esconde conflitos identitários difíceis de explicar e equacionar. Neste artigo, meu objetivo é analisar uma dessas histórias de vida, marcadas pela condição bilíngüe. Monika², filha de alemães morando no Brasil, aprendeu desde cedo o português e o alemão. Hoje considera apenas o português como língua materna, apesar de apresentar um excelente domínio também no alemão. Mesmo assim, vive uma relação conturbada com essa língua, pois acredita que nunca a fala bem o suficiente.

No presente trabalho, procuro entender porque Monika luta tanto com a língua alemã, apesar do altíssimo grau de competência já alcançado. Na procura de um arcabouço teórico adequado para explicar o caso, deparei-me com o ensaio "O monolingüismo do Outro ou a Prótese de Origem" de Jacques Derrida (1996/2001), cujas hipóteses resultaram ser de grande valia para esclarecer os conflitos da minha informante. Na obra, o filósofo francês reflete sobre a relação entre língua e identidade, levando em consideração aspectos migratórios e

constelações complexas de filiação a uma determinada cultura ou nação. A seguir, apresentarei os principais resultados desta minha reflexão desconstrutivista acerca da condição bilíngüe de Monika.

2. A biografia lingüística de Monika

Conheci Monika no ano de 2004. Seu caso logo me chamou atenção, uma vez que o desagrado que manifestava com relação ao seu domínio do alemão estava em clara desproporção com o desempenho que apresentava. Como uma pessoa que fala tão bem o idioma podia estar tão insatisfeita? Para entender melhor a história de Monika, resolvi fazer uma entrevista com ela. O encontro se realizou em outubro de 2005 e foi gravado em áudio³. Neste capítulo, farei um breve resumo da biografia lingüística da minha interlocutora.

Monika nasceu e sempre viveu no Brasil. Sua primeira língua, no entanto, foi o alemão, que os pais costumavam falar em casa. A primeira grande incisão na sua biografia ocorreu aos quatro anos de idade, quando Monika entrou no jardim de infância. As professoras do jardim criticaram severamente o fato da menina não dominar a língua do país e aconselharam a mãe a praticar o português com a filha. A mãe, sentindo-se culpada, seguiu a orientação das professoras e passou a falar apenas em português com Monika, enquanto que o pai continuava a falar em alemão.

As etapas subsequentes da história de Monika podem ser interpretadas como uma luta insistente para manter viva a língua alemã em sua vida. Estudando em colégio bilíngüe e, mais tarde, trabalhando em empresas alemãs, Monika conseguiu, com muito esforço, alcançar um domínio tão soberano e natural da língua que é freqüentemente tida como falante nativa. Não obstante, ainda hoje sofre com a insegurança que sente quando fala em alemão. Por isso, declara estar muito preocupada com a correção lingüística, procurando aperfeiçoar-se incessantemente no idioma. Monika sente-se “em casa” apenas em português, apesar de achar que negligencia e até “despreza” essa língua, devido a sua obsessão pelo estudo do alemão.

Monika tem consciência de que seus conflitos ultrapassam a esfera meramente lingüística. No seu entender, está “constantemente buscando uma identidade”. Mais à vontade com seu lado brasileiro, Monika nutre emoções ambivalentes com relação a sua herança alemã. Se, às vezes, gostaria “ser alemã”, outras, confessa ter vontade de “deletar o alemão” de sua vida.

Pode-se resumir, então, que Monika vivencia seu bilingüismo como uma condição problemática, que envolve questões lingüísticas, cultu-

rais e identitárias. Mais enraizada no meio brasileiro, suas preocupações costumam se concentrar na língua alemã, à qual se sente sempre devedora.

3. Algumas considerações sobre a noção de bilingüismo

Na literatura especializada, muito se tem escrito sobre a questão do bilingüismo. Apesar disso, não há, até hoje, uma concepção clara do fenômeno⁴. Enquanto definições mais antigas costumam associar o bilingüismo a uma suposta dupla competência nativa (cf. Bloomfield *apud* Melo, 1999, p. 42), concepções mais recentes consideram apenas a prática constante de duas línguas (cf. Grosjean *apud* Melo, 1999, p. 45), devido à dificuldade de delimitar precisamente o que constitui o domínio lingüístico de um falante nativo.

Não obstante, Melo (1999) observa que continua existindo, no imaginário das pessoas leigas, uma visão idealizada do bilingüismo:

Para muitas pessoas, o bilingüismo é uma exceção e o falar bilíngüe é, freqüentemente, associado à noção de perfeição, ou seja, o bilíngüe seria uma espécie rara que fala, lê, escreve e compreende duas ou mais línguas de maneira igualmente fluente, sem sotaque e sem quaisquer outros traços que permitam distingui-lo do monolíngüe [...] (Melo, 1999, p. 18).

Uma outra vertente nas concepções de bilingüismo procura relacionar o fenômeno com uma determinada identidade cultural, supostamente vinculada ao domínio da língua. Nessa linha de raciocínio, o falante bilíngüe se caracteriza sobretudo por sua inserção em duas comunidades lingüístico-culturais (cf. Thiery *apud* Melo, 1999, p. 43).

Além disso, há ainda a proposta de ligar a categoria de bilingüismo à percepção do próprio indivíduo, proficiente em dois idiomas. Dessa forma, para Kielhöfer/Jonekeit (1995), por exemplo,

a instância decisiva é [...] a consciência do bilingüismo, a sensação individual de “estar em casa” em duas línguas (Kielhöfer/Jonekeit, 1995, p. 11, tradução minha).

Nota-se que as concepções de bilingüismo apontam para diversos elementos-chaves do caso de Monika (grau de competência lingüística, identidade cultural, a sensação – ou não – de “estar em casa”), sem, no entanto, explicar porque Monika sofre tanto com sua condição bilíngüe. É nesse ponto que julgo valiosa a introdução da perspectiva derridiana, tal como ela se apresenta no ensaio “O Monolingüismo do Outro” (1996). Na obra, Derrida não trata exclusivamente da questão

do bilingüismo, mas procura formular princípios gerais da relação entre ser humano, língua e identidade. Ao meu ver, é justamente nesse patamar mais amplo que os conflitos vividos por Monika podem ser esclarecidos.

4. “O monolingüismo do Outro” – Um ensaio autobiográfico de Jacques Derrida

Na edição portuguesa, o “Monolingüismo do Outro”, de Jacques Derrida (2001), é anunciado da seguinte forma:

[Este livro] é uma espécie de conversa, o murmúrio de uma confissão animada, mas é também uma apóstrofe lançada, a ficção de uma conversa dramática, um debate político enfim – numa língua a respeito da dita língua (Derrida, 2001, pp. 1-2).

O ensaio apresenta-se, então, como uma obra peculiar, de narrativa dialógica, que abriga reflexões importantes do filósofo acerca do “fantasma da ‘língua materna’” (Derrida, 2001, p. 2) em sua biografia pessoal.

O argumento se desenvolve a partir de uma afirmação um tanto enigmática, feita pelo interlocutor principal, que funciona como uma espécie de *alter ego* do próprio Derrida:

Eu não tenho senão uma língua, e ela não é minha (Derrida, 2001, pp. 13, 15, 35, 39, 41, 57).

A sentença, aparentemente contraditória, percorre o ensaio como um *leitmotiv* e é repetidamente contestada pelo segundo interlocutor – este sem identidade claramente atribuível –, que impulsiona o primeiro a revelar e aprofundar seu raciocínio.

Um dos principais postulados do ensaio diz respeito ao monolingüismo do ser humano. Derrida afirma que uma pessoa, mesmo conhecendo várias línguas, tende a falar apenas uma, na qual procura encontrar sua significação plena (Wetzel, 2003, p. 148). Este “idioma absoluto”, todavia, permanece inalcançável e, portanto, se afigura apenas como “promessa” (Derrida, 2001, p. 100), já que a língua não constitui uma propriedade natural do indivíduo da qual este poderia apossar-se por completo. De acordo com Derrida, a língua origina-se do outro e sempre retorna a ele, fato que impede sua assimilação total:

Não falamos nunca senão uma língua – e ela é dissimetricamente, a ele regressando, sempre, do *outro*, do outro, guardada pelo outro. Vinda do outro,

permanecendo do outro, ao outro reconduzida (Derrida, 2001, p. 57, grifo no original).

Derrida enfatiza que não podemos considerar nem mesmo nossa língua materna como um bem natural:

A língua dita materna nunca é puramente natural, nem própria nem habitável (Derrida, 2001, p. 90).

Como a língua não nos pertence, também não podemos “estar em casa” nela, no sentido de que ela possa representar ou expressar nossa personalidade. Da mesma forma, a língua também não articula ou reivindica nenhuma identidade cultural ou nacional, que poderia ser atribuída a sua comunidade de falantes e à qual poderíamos nos vincular naturalmente. Podemos apenas nos “entregar” (Derrida, 2001, p. 64) à língua, na tentativa de criar a ilusão de uma fonte natural para nossa identidade.

Essa hipótese da alteridade e consecutiva “ex-apropriação” (Derrida, 2001, p. 42) na língua parece elucidar bem a história de Derrida, que nasceu e cresceu na Argélia e, portanto, adquiriu sua primeira língua, o francês, longe da metrópole:

Para todos [os cidadãos franceses da Argélia] o francês era uma língua supostamente materna, mas de que a origem, as normas, as regras, a lei estavam situadas algures (Derrida, 2001, p. 58).

Além disso, Derrida vivia isolado da cultura local, o berbere, e, apesar de ser de família judia, permanecia alienado também dos rituais judaicos e da língua hebraica:

Transporto em negativo, se assim posso dizer, a herança desta amnésia à qual nunca tive a coragem, a força, os meios de resistir (Derrida, 2001, p. 72).

Mas Derrida alega que, a despeito da singularidade de sua biografia, sua hipótese da alteridade no cerne do monolingüismo pode ser aplicada a todos os falantes, sendo o seu caso apenas um exemplo patente de um mecanismo geral:

Apesar das aparências, esta situação excepcional [= a biografia de Derrida] é ao mesmo tempo exemplar, sem dúvida, de uma estrutura universal; representa ou reflecte [sic!] uma espécie de “alienação” originária que institui toda a língua como a língua do outro: a impossível propriedade de uma língua (Derrida, 2001, pp. 95-96).

Ora, essa “alienação” originária na língua, a ausência de uma fonte clara de identidade assegurada pela língua, pode gerar uma sensação de falta, que se manifesta mais intensamente em circunstâncias de migração ou em qualquer outra situação de “ruptura com a tradição” (Derrida, 2001, p. 92). Derrida afirma que, nessas circunstâncias, as pessoas tendem a construir “próteses” (vide o subtítulo do ensaio: “A Prótese de Origem”), no intuito de suprir a falta. Procura-se criar meios de identificação que compensam, de alguma forma, a “alienação”⁵ originária.

No ensaio, o filósofo francês sugere dois tipos de próteses: em primeiro lugar, a “procura de história e de filiação” (Derrida, 2001, p. 20), ou seja, a recuperação/invenção de uma narrativa da história familiar e, além disso, uma “exigência compulsiva de uma pureza da língua” (Derrida, 2001, p. 64), ou, dito de outra forma, a preocupação exacerbada com a correção lingüística. É interessante observar que o próprio Derrida, na obra, confessa ter desenvolvido este segundo tipo de prótese, ao alimentar uma atitude purista com relação à língua francesa:

Não suporto ou não admiro, pelo menos em francês, e apenas no que respeita à língua, senão o francês puro (Derrida, 2001, pp. 63-64).

Esta postura parece-me notável, uma vez que Derrida, como se sabe, costuma rejeitar qualquer noção de pureza em sua obra filosófica da desconstrução:

O primeiro momento de que se chama a “desconstrução” encaminha-a para esta “crítica” do fantasma ou do axioma da pureza ou para a decomposição analítica de uma purificação que reconduziria à simplicidade indecomponível da origem (Derrida, 2001, p. 64).

Para resumir, gostaria de elencar as hipóteses derridianas de forma sintetizada, pois servirão de base para minha reflexão sobre os conflitos de Monika que farei a seguir:

1. *O monolingüismo*: Tendemos a falar apenas uma língua.
2. *O outro*: A alteridade é um elemento essencial na nossa relação com a língua.
3. *A falta*: A “alienação” originária na língua gera uma sensação de falta.
4. *A prótese*: Criamos próteses na tentativa de suprir essa falta.

Vale ressaltar que, na perspectiva que essas hipóteses abrem, não há argumentos que possam justificar uma distinção categórica entre as línguas materna e estrangeira (Ottoni, 2006, p. 12), no sentido de que seria possível atribuir ao falante nativo uma determinada identidade ou um determinado conhecimento lingüístico que seria vedado ao falante supostamente não-nativo. Na ótica desconstrutivista, há apenas línguas, das quais o falante pode apropriar-se em maior ou menor grau, mas que ele nunca é capaz de possuir por completo. Em consequência, também não há como sustentar os critérios que costumam ser usados para descrever a condição bilíngüe e que apresentei no capítulo 3 (competência de falante nativo, identidade cultural, a sensação de “estar em casa”). O bilingüismo, nessa perspectiva mais ampla, deixa de ser um fenômeno que se contrapõe claramente a outras categorias de domínio lingüístico.

5. O bilingüismo de Monika na perspectiva desconstrutivista

Neste capítulo, meu objetivo é relacionar as hipóteses derridianas à história de Monika. Deixarei o primeiro postulado, que diz respeito ao monolingüismo do ser humano, por último, uma vez que se trata, certamente, da hipótese mais inusitada do filósofo, a qual, inclusive, aponta para um aparente contra-senso nesta minha análise de um caso de bilingüismo. Início, portanto, com os outros conceitos propostos por Derrida, cuja presença é mais facilmente identificável na biografia lingüística de Monika.

5.1. O outro

No caso de Monika, a alteridade nas línguas é muito visível. As duas línguas que compõem o seu bilingüismo são fortemente impostas pelo outro: o português por constituir uma exigência das professoras do jardim de infância, a qual, em seguida, foi plenamente assumida pela mãe, e o alemão, que Monika teve de continuar a falar com o pai, por determinação do mesmo. Essa constelação de exigências põe em evidência a “alienação” originária na expressão lingüística de Monika: desde muito cedo, Monika não escolheu a língua na qual se endereçava a seus interlocutores. Ao contrário, o emprego da língua sempre foi determinado pelo outro. Dessa forma, me parece que Monika perdeu muito cedo a chance de considerar as suas línguas como uma propriedade natural – uma ilusão de qualquer maneira, como postula Derrida, mas que certamente facilitaria seu relacionamento com as línguas e a identificação com determinada cultura ou nação.

De acordo com o filósofo, a ex-apropriação das línguas sempre envolve um certo grau de violência ou terror:

Existe, doce, discreto ou gritante, um terror nas línguas, é o nosso tema (Derrida, 2001, p. 37).

No depoimento de Monika, vários trechos de sua fala mostram que essa “violência” foi um fator constante na sua infância, tanto na vida familiar quanto na vida escolar:

Meu pai exigia que eu falasse com ele em alemão. Mas com minha mãe ele também, quando estávamos juntos, ele queria que eu falasse com minha mãe em alemão. Isso era impossível. Impossível. Sempre foi uma briga em casa.

Os professores [de alemão] me provocaram muito ... me humilharam muito. Eu me senti muito humilhada.

É importante observar que esse “terror” vivenciado parece estar ligado mais à língua alemã do que à língua portuguesa. Uma possível explicação para isso reside no fato de que o português sempre foi a língua forte de Monika, visto que ela, nascida e crescida no Brasil, teve muito mais oportunidade de assimilar bem esse idioma, através de contatos sociais, mídia etc. Além disso, acredito que as diferentes abordagens de ensino das línguas também possam ter contribuído para um “terror” mais “doce” e menos “gritante” (para citar novamente Derrida) nas exigências dos professores. Monika me contou diversos episódios nos quais a correção gramatical e a adequação estilística na língua alemã foram severamente cobradas pelos professores, mas não relatou nenhum incidente semelhante relacionado ao português.

Pode-se concluir que o menor grau de “violência” na presença do outro contribuiu para que Monika, hoje, possa se sentir em casa na língua portuguesa. Por outro lado, é provável que a maior fiscalização de seu desempenho na língua alemã possa justamente ter impedido que essa sensação de pertença tenha se instalado. Nota-se, portanto, que a sensação de *habitat* na língua não é algo que o falante possa assegurar por si mesmo, mas que também é concedido – ou negado – pelo outro. Em outras palavras, o processo de identificação com determinada língua não se instala apenas por força do próprio indivíduo, como postulam Kielhöfer/ Jonekeit (vide ítem 3), mas envolve também a instância do outro.

5.2. A falta

Vimos, então, que a sensação de estar em casa numa língua apresenta, em última instância, uma ilusão reconfortante que o outro pode

ou não ajudar o falante a construir. Derrida enfatiza que não há *habitat* natural na língua, mesmo que o ser humano o queira experienciar para lhe servir de fonte para sua identidade pessoal ou cultural:

Habitar, eis um valor bastante *desorientador* e equívoco: não se habita nunca o que estamos habituados a chamar habitar (Derrida, 2001, p. 90, grifos no original).

Não obstante, Monika parece supor uma certa ligação entre língua e identidade, uma vez que ela acaba misturando características lingüísticas e culturais do povo alemão e brasileiro:

Os alemães falam um alemão... eu diria que ... sem erros, sem erros. E o brasileiro fala muito errado.

Não, realmente, o alemão, ele é muito, muito sério no que faz, perfeito, correto....

Nós somos Terceiro Mundo, temos corrupção, nós temos, carregamos aí, várias ... ehm, vários defeitos, né? Não temos muito do que nos orgulharmos.

O português ... eu vejo ... como uma língua não tão útil como outras. [...] Não é uma língua nobre. É uma língua ... de Terceiro Mundo.

Nestes exemplos, chama atenção especialmente a correlação entre a suposta correção lingüística e o comportamento dito correto dos alemães, em oposição aos brasileiros, nos quais Monika identifica erros ou defeitos tanto na língua quanto nas ações.

Ora, o pressuposto de uma ligação direta entre língua e identidade, remete, segundo Derrida, ao desejo humano de uma origem natural, de um “núcleo intacto”, como o filósofo formula em outro trabalho:

[...] o desejo do núcleo intacto, é o próprio desejo, quero dizer que ele é irreduzível; há uma relação com o núcleo intacto que é pré-histórico, pré-originário, que é aquilo a partir do qual um desejo qualquer pode se constituir. Portanto, o desejo ou o *fantasma* do núcleo intacto é irreduzível (Derrida, 1985, p. 22, grifo no original).

Dessa forma, a correlação imaginária entre língua e identidade, que se verifica tanto nas palavras de Monika quanto em algumas concepções de bilingüismo, pode ser explicada por esse anseio humano de contar com uma origem clara de identidade.

Contudo, Derrida sentencia que esse desejo não pode ser realizado, uma vez que o “núcleo intacto” não existe:

[...] o núcleo intacto não existe, nunca existiu, e é isso que queremos esquecer, o esquecimento que queremos esquecer de uma certa maneira. Não que exista o esquecido: queremos esquecer que não há nada a esquecer, que nunca houve nada a esquecer, só podemos esquecer isso, que nunca houve núcleo intacto e que é isso, esse fantasma, esse desejo do núcleo intacto que congrega todo tipo de desejo, todo tipo de língua, todo tipo de apelo, todo tipo de endereçamento [...] (Derrida, *ibid.*).

Como, de acordo com Derrida, queremos esquecer que não há “núcleo intacto” ou origem natural, criamos outra ilusão, a de que existiria, sim, essa origem, mas que ela teria se perdido no percurso biográfico da pessoa e, por isso, precisaria ser recuperada. Na minha opinião, essa ilusão manifesta-se fortemente nas palavras de Monika, quando ela fala em “resgatar” a língua alemã:

Se não fosse o meu pai, eu acho que não teria resgatado, da maneira que eu consegui resgatar, o alemão.

Eu tenho uma relação bastante forte com meu pai ... Acho que até em respeito a ele eu quis resgatar o alemão.

É mister salientar aqui que, mesmo quando se interpreta a palavra “resgate” não em termos de posse ou proveniência, mas simplesmente em termos de competência lingüística, não se pode falar de uma recuperação ou de um resgate propriamente dito, uma vez que Monika, aos quatro anos, quando lhe foi negado o alemão pela sua mãe (e pelo meio brasileiro), não falava a língua tão bem como a fala hoje em dia, já que, com aquela idade, simplesmente não podia dispor de um leque de vocabulário e variação sintática tão grande quanto apresenta atualmente. O suposto “resgate” da língua alemã, portanto, se apresenta mais como uma figura retórica que revela o desejo de Monika de possuir uma identidade naturalmente assegurada pela língua.

5.3. A prótese

Segundo Derrida, a falta de amparo “originário” pela língua, que se manifesta sobretudo em situações lingüísticas mais complexas, desencadeia um fenômeno que o filósofo denomina “raiva apropriadora” e que ele descreve da seguinte maneira:

Uma vez que não existe propriedade natural da língua, esta não dá lugar senão à raiva apropriadora, ao ciúme sem apropriação. A língua fala este ciúme, a língua não é senão ciúme à solta (Derrida, 2001, p. 38).

Na entrevista, Monika demonstrou esta raiva diversas vezes, como, por exemplo, nos seguintes trechos:

Eu me sinto escrava da língua alemã. [...] Eu quero reverter isso. Eu quero ... dominar o alemão.

Eu não desisto porque eu não quero entregar os pontos para o alemão. O alemão não vai ganhar de mim.

Ora, me parece que é mediante essa raiva apropriadora, que Monika constrói sua “prótese”, que serve justamente o propósito de suprir a falta de um *habitat* natural na língua. Acredito que seja por isso que minha informante se preocupa tanto com a correção gramatical e estilística nesse idioma:

Eu tenho uma preocupação terrível em estar falando certo.

Eu tenho muita preocupação de como meus erros chegam até o outro.

Em outras palavras, é através de uma exigência exagerada para com seu desempenho lingüístico que Monika procura assegurar sua identidade supostamente alemã.

Vale notar que minha informante não sente a necessidade de construir uma prótese com relação à língua portuguesa:

Em português eu não tenho essa preocupação [de falar corretamente]. Mesmo que eu percebo que eu falei algo errado [...], eu não tenho a menor vergonha.

Dentro do paradigma desconstrutivista, a explicação desse dado é fácil: como, no português, o processo de apropriação e concomitante identificação foi mais bem sucedido, não há motivo para Monika sentir a falta originária e, portanto, desejar uma prótese.

5.4. O monolingüismo

Chego, então, ao postulado do monolingüismo, a hipótese derridiana que certamente causa mais estranhamento quando se discute um caso de bilingüismo. No ensaio, o caráter insólito do postulado é potencializado ainda por uma espécie de antinomia, à qual Derrida recorre diversas vezes:

1. Não falamos nunca senão uma única língua.
2. Não falamos nunca uma única língua (Derrida, 2001, pp. 19, 20, 22).

A primeira afirmação aponta, como mencionei no item 4, para a tendência do ser humano de significar e criar significados em apenas um idioma, mesmo quando se fala diversas línguas:

Claro, podemos falar várias línguas. Existem sujeitos competentes em mais de uma língua. Alguns escrevem mesmo várias línguas ao mesmo tempo [...]. Mas não o farão sempre em vista do idioma absoluto? (Derrida, 2001, pp. 99-100).

Vale lembrar que, de acordo com Derrida, esse “idioma absoluto” se apresenta mais como promessa, como aspiração última do ser humano, cujo acesso, no entanto, lhe é interdito, uma vez que sempre há o vestígio do outro:

É a monolíngua *do* outro. O *de* não significa tanto a propriedade quanto a proveniência: a língua é do outro, vem do outro, (é) *a* vinda do outro (Derrida, 2001, p. 101, grifos no original).

Também a segunda afirmação se explica pela alteridade inerente à língua, que se manifesta, por exemplo, em empréstimos de outras línguas ou em enxertos das mesmas. Não obstante, é importante ressaltar que Derrida (2001, p. 21) não pensa a língua na sua acepção tradicional, pois, como ele argumenta, não há traços internos ou estruturais que possam distinguir uma língua (nacional) de um dialeto ou idioma, mas somente critérios externos, políticos e, em última instância, artificiais. Por isso, na perspectiva derridiana, não falamos várias línguas apenas quando mesclamos línguas nacionais, mas sempre, já que precisamos nos apropriar da fala do outro para poder significar.

Nota-se aqui mais uma vez que dentro da ótica desconstrutivista não há argumentos substanciais para distinguir o bilingüismo de outras formas de domínio lingüístico, dado que todos os falantes são considerados indivíduos plurilíngües que desejam alcançar sua monolíngua. Dessa maneira, resta apenas a “alienação” originária como característica fundante da relação entre ser humano e língua:

A partir, sim, *a partir* desta margem ou desta derivação comum, todos os expatriamentos permanecem singulares. (Derrida, 2001, p. 90, grifo no original)

Partindo desses postulados, gostaria de tecer alguns comentários acerca da monolíngua de Monika. Certamente, minhas observações não passarão meras hipóteses, já que o “idioma absoluto” existe apenas no plano prospectivo e nunca chegará a se concretizar.

Além de muitos elementos do português (brasileiro), a monolíngua de Monika deve incluir também aspectos da língua alemã. A luta insistente por se aperfeiçoar nessa língua assinala, ao meu ver, que o uso exclusivo do português não é suficiente para Monika significar-se plenamente.

Um trecho importante da entrevista com Monika corrobora esta hipótese. Nele, minha interlocutora manifesta que se identifica bastante com uma maneira “abrasileirada” de falar o alemão, que se observa muitas vezes com brasileiros de origem alemã:

[Com] uma pessoa que fale alemão como eu, que nasceu num contexto alemão, mas mais ... abrasileirado [...], aí eu não me sinto ameaçada, não. Não. Eu me sinto igual.

Esse “alemão abrasileirado”, ao qual Monika faz alusão, aponta, ao meu ver, para um falar característico das pessoas bilíngües, que Melo (1999) descreve da seguinte forma:

As línguas são usadas, pelo bilíngüe, de maneira isolada, alternada ou mesclada, dependendo da situação, do tema da conversação, dos participantes do evento de fala e da intenção do falante em comunicar sua mensagem. O falar bilíngüe está, pois, diretamente relacionado ao contexto sociopsicolingüístico no qual transcorre a interação verbal (Melo, 1999, p. 17).

[A mudança de código] é um *recurso discursivo* freqüentemente utilizado nas interações entre bilíngües para fins comunicativos, uma *estratégia conversacional* capaz de expressar não apenas informações referenciais, mas também emoções, sentimentos e atitudes (Melo, 1999, p. 169, grifos meus).

Na perspectiva de Derrida, contudo, o falar bilíngüe transcende o nível meramente funcional do “recurso discursivo” e da “estratégia conversacional”, estipulado por Melo, e alcança uma esfera mais profunda e existencial, ao revelar o “desejo do idioma” (Derrida, 2001, p. 92), ou seja, a tentativa de se aproximar da monolíngua.

Essa tentativa, no entanto, acarreta experiências ambivalentes pelo fato de que o falar bilíngüe constitui um código muito restrito que, além de não poder ser entendido fora do âmbito das duas línguas juntas, traz consigo o estigma do erro e da mesclagem indevida⁶. Dessa forma, Melo (1999) julga importante esclarecer que

a mudança de código não é resultado de uma imperfeição na fala dos bilíngües ou de uma incompletude nos processos de aquisição de L1 e L2, assim como não torna a comunicação mais difícil (Melo, 1999, p. 170).

O falar bilíngüe enfrenta, então, o estranhamento e a resistência do meio social que não compartilha dos mesmos conhecimentos e há-

bitos lingüísticos. Nessas circunstâncias, a riqueza lingüística da qual dispõe o bilíngüe facilmente se transforma em fonte de conflito, pois o bilíngüe precisa policiar suas palavras para poder se comunicar com os outros, não alcançando, dessa forma, sua expressividade maior. Manifestam-se, aqui, algumas das “armadilhas do idioma” (Ottoni, 2006, p. 9) que impedem a realização completa da monolíngua.

6. Palavras finais

O presente trabalho teve por objetivo esclarecer os conflitos vividos por Monika, relacionados ao seu bilingüismo. A perspectiva adotada foi a desconstrutivista, formulada por Jacques Derrida em seu ensaio “O Monolingüismo do Outro”. O arcabouço teórico resultou ser capaz de esclarecer diversos aspectos da condição bilíngüe de Monika que não são devidamente contemplados em concepções tradicionais do fenômeno, como, por exemplo, a obsessão pelo aperfeiçoamento na língua menos forte.

Chamou atenção o fato de que na abordagem derridiana o bilingüismo não constitui uma categoria importante, uma vez que é absorvida por características mais gerais da relação entre ser humano, língua e identidade. Nessa ótica, o foco central deixa de ser a prática constante de duas línguas nacionais. Ao invés disso, ganha destaque a “alienação” originária, a “ex-apropriação” na língua, a partir da qual todas as constelações lingüísticas permanecem singulares. O *habitat* lingüístico, portanto, é sempre uma construção provisória e frágil, que apenas tende a se desfazer mais facilmente quando se vive num ambiente lingüístico mais heterogêneo, como é o caso das pessoas bilíngües.

Notas

1. Este artigo resultou de um trabalho de qualificação feito sob orientação do Prof. Dr. Paulo Ottoni (in memoriam), a quem sou grata pelas valiosas sugestões dadas no decorrer do processo de qualificação.
2. O nome é fictício.
3. Agradeço a confiança em mim depositada pela minha informante, que compartilhou comigo experiências muito pessoais, relacionadas a seu bilingüismo. Os depoimentos de Monika, reproduzidos neste artigo, foram extraídos da entrevista.
4. Confira Melo (1999, pp. 41-48) para obter um panorama geral das tentativas de conceituar o bilingüismo.
5. É o próprio Derrida que coloca o termo “alienação” entre aspas, uma vez que não se trata de um processo alienatório de fato, mas apenas de uma sensação do mesmo: “Tal como a “falta”, esta “alienação” originária parece constitutiva. Mas ela não é nem uma falta nem uma alienação, não tem falta de nada que a preceda ou a siga, não aliena

nenhuma ipseidade, nenhuma propriedade, nenhum *si* que tenha alguma vez podido representar a sua véspera” (Derrida, 2001, p. 39, grifo no original).

6. Gostaria de lembrar aqui que a concepção leiga vê o bilingüismo como o domínio perfeito de duas línguas *separadas*, mas não a mistura ou alternância das mesmas numa única fala.

Referências

- Derrida, Jacques [1996]. *O monolinguismo do outro ou a prótese de origem*. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001.
- Derrida, Jacques. “Sobre-tradução” (fragmento). Trad. inédita de Olívia Niemeyer dos Santos e Paulo Ottoni, 1985.
- Kielhöfer, Bernd/Jonekeit, Sylvie. *Zweisprachige Kindererziehung*. 9ª edição. Tübingen: Stauffenburg, 1995.
- Melo, Heloísa Augusta Brito de. *O falar bilíngüe*. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1999.
- Ottoni, Paulo. “Os enigmas da tradução entre a língua e o idioma”. Aula inaugural proferida no dia 10 de abril de 2006, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (mimeo).
- Wetzel, Michael. “Alienationen – Jacques Derridas Dekonstruktion der Muttersprache”. In: Derrida, Jacques. *Die Einsprachigkeit des Anderen oder die ursprüngliche Prothese*. München: Fink, 2003, pp. 141-154.